



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS
LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

**“ERGUENDO A MINHA VOZ”:
A VALORIZAÇÃO DOS ENSINAMENTOS DE UMA MULHER-MÃE KALUNGA NO
CURSO DE LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS DA FAV/UFG**

JOSIVÂNIA FRANCISCO DOS SANTOS

GOIÂNIA, 2025



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC no 1240/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei no 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, o(s) autor(a)(es)(as) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG)

Nome(s) completo(s) do(a)(s) autor(a)(es)(as): Josivânia Francisco dos Santos

Título do trabalho: "Erguendo a minha voz": a valorização dos ensinamentos de uma mulher-mãe Kalunga no curso de Licenciatura em Artes Visuais da FAV/UFG

2. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador) Concorda com a liberação total do documento [X] SIM [] NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(à)(s) autor(a)(es)(as) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro.

Obs.: Este termo deve ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Noeli Batista Dos Santos, Professora do Magistério Superior**, em 15/12/2025, às 09:58, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Josivânia Francisco Dos Santos, Discente**, em 15/12/2025, às 10:42, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5776767** e o código CRC **6AFED097**.

Referência: Processo nº 23070.058380/2025-18

SEI nº 5776767

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS
LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

**“ERGUENDO A MINHA VOZ”:
A VALORIZAÇÃO DOS ENSINAMENTOS DE UMA MULHER-MÃE KALUNGA NO
CURSO DE LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS DA FAV/UFG**

JOSIVÂNIA FRANCISCO DOS SANTOS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Artes Visuais.

Orientadora: Profa. Dra. Noeli Batista dos Santos.

GOIÂNIA, 2025

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Santos, Josivânia Francisco dos

"Erguendo a minha voz": a valorização dos ensinamentos de uma mulher-mãe Kalunga no curso de Licenciatura em Artes Visuais da FAV/UFG [manuscrito] / Josivânia Francisco dos Santos. - 2025. 66 f.: il.

Orientador: Profa. Dra. Noeli Batista dos Santos.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Artes Visuais (FAV), Artes Visuais, Goiânia, 2025.

Bibliografia.

Inclui fotografias, abreviaturas, lista de figuras.

1. Território Kalunga Vão de Almas. 2. História de vida. 3. Maternidade. 4. Ancestralidade. 5. Formação docente em Artes Visuais.. I. Santos, Noeli Batista dos, orient. II. Título.

CDU 7



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos três dias do mês de dezembro do ano de 2025 iniciou-se a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado "Erguendo a minha voz": a valorização dos ensinamentos de uma mulher-mãe Kalunga no curso de Licenciatura em Artes Visuais da FAV/UFG", de autoria de Josivânia Francisco dos Santos, do curso de Artes Visuais - Licenciatura, da Faculdade de Artes Visuais da UFG. Os trabalhos foram instalados pela prof.^a Dr.^a Noeli Batista dos Santos - orientadora (FAV/UFG) com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: prof. Dr. Elinaldo da Silva Meira (FAV/UFG) e prof.^a Ms.^a Maria Madalena do Sacramento Rocha - membra externa (SME/IaciaraGO). Após a apresentação, a banca examinadora realizou a arguição da estudante. Posteriormente, de forma reservada, a Banca Examinadora atribuiu a nota final de (10,0), tendo sido o TCC considerado (aprovado).

Proclamados os resultados, os trabalhos foram encerrados e, para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos Membros da Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Noeli Batista Dos Santos, Professora do Magistério Superior**, em 03/12/2025, às 18:03, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Elinaldo Da Silva Meira, Professor do Magistério Superior**, em 10/12/2025, às 13:32, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Maria Madalena Do Sacramento Rocha, Usuário Externo**, em 19/12/2025, às 09:47, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5776771** e o código CRC **B4E518B8**.

Referência: Processo nº 23070.058380/2025-18

SEI nº 5776771

Dedico à minha mãe, Dona Fiota, ao meu filho Heitor, minhas irmãs, meus irmãos e meu pai. E a todas as mulheres, mães, negras e negras quilombolas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a meu Deus, às professoras: Noeli Batista, Carla de Abreu, Alice Fátima Martins, Lilian Ucker, Adriana Mendonça, Maraiza Costa, Valéria Fabiane, Flávia Leme e Kelly Mendes. Aos professores: Elinaldo Meira e Luiz Olivieri, por me ouvirem e estarem ao meu lado durante esse caminho de descobertas e resistência. À professora Maria Madalena do Sacramento Rocha, por aceitar participar da minha banca e por ser uma inspiração de travessias.

Agradeço a minha mãe Deuzami, dona Fiota. Meu pai Calisto, às minhas irmãs: Joaní, Jocilene, e irmãos: Joveci, Carlos, Calos Antônio e Ademilson. Ao meu filho Heitor, meus sobrinhos: Levi, Maynah e Mayan, por estar sempre comigo nesta jornada, por me apoiar, me dar forças e não deixar eu desistir.

À Sibeles Melo, da Secretaria Acadêmica. Aos meus colegas: Lorena, Mariana Martins, Mariana Ekureudo, Marina, Henry, Alex, Isabela Barboza e Camila a cada sorriso, a cada abraço, a cada acolhimento, a cada puxão de orelhas que levei, tudo aquilo que me deu força pra seguir.

Agradeço, principalmente, à mim mesma por não desistir de mim, por acreditar que era possível, mesmo quando o mundo dizia o contrário. Esses saberes foram sendo compartilhados por tantas pessoas, e me ajudaram a chegar até aqui.

Agradeço pelas participações em eventos, pelas oportunidades de estar em tantos lugares e pelas leituras que, mesmo difíceis, me fizeram crescer.

“Eu quero ver o que acontece se eu não desistir”
(Anônimo)

RESUMO

Nesta travessia, escrevo cartas contando como os ensinamentos de uma mulher-mãe Kalunga do Vão de Almas valorizam a identidade quilombola no curso de Licenciatura em Artes Visuais da FAV/UFG, e destaco a importância da arte como meio de valorização desses ensinamentos. Nas cartas, registro memórias e vivências por meio de desenhos e relatos, refletindo sobre as relações entre ancestralidade, maternidade e identidade cultural do Território Kalunga. Essa pesquisa foi desenvolvida a partir das histórias de vida, que vem da minha mãe para mim, e para outras mulheres como força e valorização de sua identidade. Nessas cartas, apresento o caminho de compreensão entre os saberes que recebi da minha mãe, Dona Fiota, as reflexões do Antônio Bispo dos Santos, a minha trajetória na UFG, com as descobertas das artistas Renata Felinto e Rosana Paulino. Encerro essa caminhada com uma carta para o meu filho, Heitor Francisco Araújo dos Santos, como registro de amor, resistência, coragem e inspiração para outras mulheres, mães, negras e negras quilombolas. Por fim, apresento cartas à Josivânia Franciscos dos Santos, que carregam o desejo de deixar um legado, uma mensagem para as futuras gerações de mulheres, mães, negras e negras quilombolas que sonham com a educação e com a arte.

Palavras-Chave: Território Kalunga Vão de Almas. História de vida. Maternidade. Ancestralidade. Formação docente em Artes Visuais.

ABSTRACT

In this journey, I write letters recounting how the teachings of a Kalunga woman-mother from Vão de Almas value quilombola identity within the Licentiate Degree in Visual Arts at FAV/UFG, highlighting the importance of art as a means of valuing these teachings. In the letters, I record memories and lived experiences through drawings and narratives, reflecting on the relationships among ancestry, motherhood, and the cultural identity of the Kalunga Territory. This research was developed from life histories passed from my mother to me, and to other women, as a source of strength and affirmation of their identity. In these letters, I present a path of understanding that weaves together the knowledge I received from my mother, Dona Fiota, the reflections of Antônio Bispo dos Santos, my trajectory at UFG, and the discoveries of the artists Renata Felinto and Rosana Paulino. I conclude this journey with a letter to my son, Heitor Francisco Araújo dos Santos, as a record of love, resistance, courage, and inspiration for other women—mothers, Black women, and Black quilombola women. Finally, I present letters to Josivânia Francisco dos Santos, carrying the desire to leave a legacy—a message for future generations of women, mothers, Black women, and Black quilombola women who dream of education and art.

Keywords: Kalunga Territory Vão de Almas. Life history. Motherhood. Ancestry. Teacher education in Visual Arts.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 — Dona Fiota, Autorretrato.....	14
Imagem 2 — “Carregando memórias”.....	17
Imagem 3: Vão de Almas, casa de Josivânia Francisco dos Santos.....	23
Imagem 4 — Retrato de Dona Fiota.....	26
Imagem 5 — Nego Bispo.....	28
Imagem 6 — Região Rio das Almas, Vão de Almas.....	34
Imagem 7 — Fruto da planta kalunga.....	38
Imagem 8 — “Entre saberes e resistências”.....	43
Imagem 9 — “Pertencer e não pertencer”.....	48
Imagem 10 — “Eu no meu Eu, Reconectar para existir”.....	52
Imagem 11 — “O amor que me moveu”.....	54
Imagem 12 — Sem título.....	58

SUMÁRIO

1 CARTAS À DONA FIOTA.....	13
“Como tudo começou...”	15
“O livro A Terra Dá, A Terra Quer e as sementes de palavras”	18
“Memória ancestral viva”/ “saberes que me construiu”	24
2 CARTAS AO NEGO BISPO.....	27
“Entre saudades e esperanças”	29
“Raízes que ensinam”	35
“Vivências no Território Kalunga”	39
3 CARTAS À UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS.....	42
“Entre saberes e resistências: minha travessia na Universidade”	44
“O que desejo para a UFG?”	46
“A importância da representatividade”	49
4 CARTA AO MEU FILHO HEITOR.....	53
“O amor que me moveu a vencer”	55
5 CARTAS À JOSIVÂNIA.....	57
“De Eu para Meu Eu: Infância em Travessia”	59
“De mim para mim: a menina de antes na travessia de hoje”	61
“Entre escolas e mundos; quer saber o que aprendi sendo você?”	63
REFERÊNCIAS.....	66

1 CARTAS À DONA FIOTA

Imagem 1 — Dona Fiota, Autorretrato.



Fonte: Fotografia de Dona Fiota, em 27/10/25.

“Como tudo começou...”

Goiânia, agosto de 2025.

Mãe,

Quando penso na minha caminhada até aqui, lembro de tudo o que vivi desde o interior. Eu não me sentia preparada para sair do Vão de Almas. Queria construir um futuro, mas também pensava na nossa realidade: a vida simples, a pouca renda, a vontade de ajudar a senhora e meu pai a melhorar nossa casa, nossas coisas. Ainda no 9 ano, meu sonho era estudar, trabalhar fora e trazer algo de volta para vocês. Mas o coração não queria largar o nosso lugar. Eu queria continuar perto da senhora, de meu pai e de meus irmãos, porque a saudade era grande.

Mesmo assim, por causa das dificuldades que enfrentei e da proteção que a senhora e o pai tinham por mim, eu tive que ir para Brasília em busca do meu primeiro emprego e da conclusão do ensino médio. Fiquei uns meses lá, depois voltei para Cavalcante por não aguentar a falta da senhora, no fim do ano retornei novamente para Brasília, pela responsabilidade da minha irmã mais velha. Ela ficou como minha guardiã, recebendo seus conselhos e suas orientações. Foi onde terminei o ensino médio com 18 anos e comecei a fazer várias tentativas de empregos vestibulares, cursos na UNB, IFB, UNIEURO, UNIPLAN e em outras instituições. Anos depois, enfrentei outra travessia: a maternidade. Quando contei para a senhora e para o meu pai, recebi apoio, abraço e força. Mesmo assim, eu me sentia abalada por não ter conseguido, antes disso, fazer o que falei que faria: ajudar vocês, construir junto, contribuir. Passei anos tentando estudar, e ainda tentando vestibular, tentando entrar na UnB, trabalhando, cuidando do Heitor e vivendo as dificuldades da vida adulta. Foram cinco anos parada dos estudos, mas nunca deixei de conversar com a senhora sobre tudo. Minha vivência sempre foi aberta com a senhora.

Até que, com muito esforço, fiz o ENEM várias vezes e finalmente passei na faculdade aqui em Goiânia, e para eu conseguir manter na minha nova caminhada deixei meu filho com vocês no interior por 17 dias, por motivo que não aceitaria pessoas com filho na Moradia estudantil. Senti tristeza e muita falta do meu filho,

mas continuei firme porque sabia que ele estava bem cuidado. Foi tempo pandêmico, voltei para casa, fiquei uns meses precioso com vocês família durante a pandemia, e depois retornei para a cidade para seguir meu caminho. Quando voltei para a ativa do curso presencial consegui trazer meu filho para morar comigo e isso foi uma emoção de amor. Continuei estudando, enfrentando desafios, conhecendo muitas pessoas que cruzaram meu caminho e me ajudaram. Aos poucos fui entendendo que a arte fazia parte da minha vida: nos desenhos, nas memórias do interior, na maternidade, nos preconceitos que enfrentei e sobrevivi, nas histórias que carregamos do nosso povo.

Mãezinha, atravessar tudo isso não foi fácil. Muitas vezes pensei que não ia conseguir. Mas os seus conselhos sempre andavam comigo: “minha filha, não abaixa a cabeça”, “segue seu caminho”, “seja você”. Foi essas frases que me fortaleceu até a universidade. E foi nesse caminho que algumas professoras(es) me apresentaram livros que dialogavam com a nossa vivência e assim cheguei às palavras de Nego Bispo.

Mas isso eu vou te contar com mais calma nas próximas cartas.

Imagem 2 — “Carregando memórias”.



Fonte: Josivânia Francisco dos Santos. Pintura à lápis sobre papel, 2025.

“O livro *A Terra Dá, A Terra Quer* e as sementes de palavras”

Goiânia, agosto de 2025.

Minha irmã, Mãezinha...

Quando comecei a ler esse livro, parecia que eu voltava no tempo. As palavras do autor me lembravam as conversas com a senhora, dos conselhos e dos saberes que você sempre passou e passa pra gente. Foi como se as palavras do bispo se misturassem com a nossa própria vivência, criando um fio entre o que ele diz e o que eu vivi. Essa expressão me tocou muito, porque entendi que ele não fala só de dizer algo, mas de espalhar sabedoria, como quem planta um conhecimento dentro do outro. Cada palavra dita com verdade pode brotar no coração de quem escuta. Quando li isso, logo lembrei das falas, dos conselhos e das sabedorias da senhora porque suas palavras também sempre foram como sementes que me ajudaram a crescer. As nossas conversas simples, mas cheias de sentido, e sempre deixando algo plantado dentro de mim, algo que me fazia pensar, aprender e seguir mais firme.

A partir daqui, trago frases e alguns trechos do livro que me tocaram e que ligam com o que aprendi ao longo da vida, entre o que o nego bispo fala e o que eu reconheço dentro de mim e da minha história.

Ao falar sobre “Semear Palavras”, o autor mostra que as palavras têm força, têm raiz e crescem dentro da gente, assim como uma semente plantada na terra. Ele fala da importância de espalhar o conhecimento de forma viva, como quem planta e cuida, e não apenas como quem repete o que aprendeu nos livros.

Percebi o quanto o livro me conecta a sua sabedoria. Sempre aprendi com a senhora que devemos ser nós mesmos e ensinar o que sabemos. Quando saí do meu Quilombo e cheguei à cidade, senti medo e vergonha de falar de onde vinha, por causa do preconceito, do território Kalunga e das nossas tradições. Mas comecei a “semear palavras”: falar de mim, da minha comunidade, da minha mãe, da minha família, compartilhando um pouco do meu conhecimento.

Lembro das dificuldades que passei trabalhando na cidade na minha primeira vez, sendo tratada com descaso e humilhação. Esses acontecimentos me marcaram profundamente, me fez sentir desumanizada, mas também reforçou a importância de resgatar minha força, minha identidade e os ensinamentos da senhora, para seguir em frente e compartilhar saberes com meu filho, meus sobrinhos e outras pessoas.

Assim como nêgo bispo fala que o saber vem da relação com a terra e com as pessoas, eu vejo que os seus ensinamentos também vieram desse mesmo lugar: do cuidado, do trabalho e da partilha. Um de seus concelhos mais frequente diariamente quando a gente reclamava de um problema acontecido de fragilidade é, *“não baixa a cabeça, minha fia”*. E o conselho do meu pai é, *“o problema é que vocês colocam assunto muito em coisa pouca”* e *“se alguém te ofendeu pede pra viver o que vocês viveram”*. Por isso me senti preparada, reforçada e corajosa para seguir em frente mesmo passando por vários altos e baixos.

Mãe, quando o Bispo fala sobre uma memória muito bonita de sua infância, ele diz que:

Compreendo o ambiente onde dei os meus primeiros passos como uma das bases de lançamento da minha trajetória. Uma memória maravilhosa desse tempo, que ainda pulsa, é acordar ouvindo o canto da passarada informando quais as condições meteorológicas do dia.

Quando li esse pedaço, logo me veio a lembrança de vocês. Lá em casa, a gente também aprendia a entender o dia pelo canto dos bichos e pelos sons da manhã. Era assim que a vida seguia o ritmo da natureza. Eles acordavam a gente bem cedinho, com o canto do galo, para tomar café e se arrumar para ir pra escola. O café era simples, mas cheio de amor: às vezes garapa com farinha, às vezes arroz dormido, ou o resto do feijão com arroz da janta. E assim a gente seguia, com a barriga cheia e o coração leve, pra estudar. Lembro também que o toca fita (rádio de pilha) era o único relógio que a gente tinha quando pegava a rádio de Cavalcante, era uma alegria. Era usado para informações e aprendendo a ter responsabilidade desde cedo.

Quando o Bispo fala sobre “semear palavras”, lembro da senhora dizendo que conhecimento é raiz: quando a gente compartilha, ele cresce e floresce. A senhora sempre teve orgulho de ensinar tudo o que sabe da natureza, da terra e da

vida, e ver esse saber se espalhando te dá alegria, como se sua raiz estivesse brotando cada vez mais longe.

Ele escreve: “Quando você compartilha os saberes, o saber só cresce.”

E eu lembro da senhora dizendo que gosta de falar, rir, contar sua história, ensinar e ver seu conhecimento ganhar o mundo como se cada palavra fosse uma semente plantada.

Nesta frase dele: “Não me mandem fazer direito, eu não sou colonizado”, eu lembro das pessoas dizendo que a senhora “não sabia falar direito” quando saía para vender seus produtos. Mesmo assim, a senhora seguia firme, mostrando suas raízes, seu saber e sua força, encantando quem tinha sensibilidade para enxergar seu valor. E na frase “Aprender é uma pergunta permanente”, vejo a senhora dizendo que aprender é leve. A senhora aprendia com a floresta, com os mais velhos, com a vida e nos ensinava que saber não pesa, saber liberta. A frase dele: “Nós somos o começo, o meio e o fim”, lembro da senhora explicando que ninguém pode invejar aquilo que é de raiz. O seu saber vem da sua mãe, do seu pai, da sua avó Maria, e cada pessoa tem que fazer o seu próprio caminho.

Quando o Bispo fala: “Não somos de paz, somos de festa”, lembro da nossa vida no interior: barulho, canto, reza, panela caindo, vizinhos conversando alto, crianças correndo. E lembro de como, na cidade, tudo vira “não pode”: não pode falar alto, não pode educar o filho, não pode brincar, não pode jogar uma manga no chão. A senhora sempre dizia que esse silêncio não é liberdade, e que a sua paz verdadeira está no barulho da mata, do rio e da vida natural.

Quando ele fala sobre “cidade e cosmofobia”, entendi ainda mais o que a senhora diz quando reclama da cidade. O livro mostra como a cidade aperta, limita, assusta, julga, controla. E a senhora sempre disse que aqui tudo vira regra, tudo é cobrança, tudo causa preconceito. Na roça, a senhora diz que respira: é livre, fala do seu jeito, vive seu mundo, suas plantas, seus bichos, suas rezas. Cada vez que eu volto para casa, sinto esse chamado da liberdade que só a senhora entende.

E quando o Bispo escreve no seu livro, que não se sabe a autoria das cantigas quilombolas, lembro das rezas e ladainhas que a gente cantava antes das festas. Depois vinha a sussa, o forró, o povo comendo, dançando, rindo. E sempre tinha aquela cantiga antiga, que atravessa gerações:

*Toma lá a bênção de mamãe,
toma lá a bênção de papai,
Deus abençoe, Deus abençoe...bis
Toma lá a bênção de mamãe,
toma lá a bênção de papai,
Deus abençoe, Deus abençoe...bis*

Esses cantos, mãe, são nossa memória viva. Assim como a senhora, eles atravessam o tempo sem perder a força. A senhora sempre transformou o cotidiano em ensinamento, assim como o Bispo transforma a vida dele em arte. Cada gesto seu tem sentido, tem raiz e tem história. Tudo que aprendi vem desse cuidado firme, cheio de amor e ancestralidade que a senhora plantou em nós.

Quando ele fala “Somos compartilhantes”, senti a força do que ele queria dizer. Esse trecho me fez lembrar de várias coisas da minha vida e da nossa história, mãe: “Não fizemos o quilombo sozinhos”. Cada gesto, cada lembrança, cada saber veio de uma mão que se estendeu antes da minha, de quem compartilhou ensinamentos, memórias e resistências.

O que trago hoje, seja nos meus desenhos, nas fotografias, nas minhas palavras ou no gesto é fruto desse compartilhamento. É a continuação de uma história que atravessa gerações. Cada memória, cada aprendizado, cada gesto de quem veio antes de mim é um pedaço que se mantém vivo, e eu sinto que meu dever é compartilhar também. É assim que continuamos mantendo o quilombo, a ancestralidade e o saber vivo. Como diz o Bispo, “Não precisamos destruir os colonialistas; deixemos que vivam, desde que vivam com o sol deles e não venham roubar o nosso sol ou o nosso vento.”

Esses trechos me fazem pensar que o verdadeiro poder está em manter o que vivemos vivo, nossa luz, nosso vento, nossos saberes e seguir compartilhando, sem deixar que o outro apague o que carregamos por dentro. Compartilhar é também continuar o quilombo, é fazer o conhecimento seguir vivo, passando de mãe pra filha, de geração pra geração.

Também passei a pensar em como seria importante ter esse tipo de conhecimento dentro da universidade. Porque muitas vezes, quem vem do interior, como eu cheguei, chega num ambiente onde a linguagem é diferente, mais

apressada, e o jeito da gente falar, cheio de pausas, histórias e modos próprios, acaba sendo visto como estranho. Mas essa é a nossa língua, a linguagem da nossa maternidade, do costume, da família e do território. É com ela, querendo ou não, que aprendi e é com ela que sempre vou estar enraizada por causa de onde eu vim, de onde fui criada, o modo que convivi, e dos seus saberes, e quero levar “o eu” de mim como ensino para a educação. Por isso, conhecer o livro “a terra dá” a terra quer”, foi como encontrar um espaço de acolhimento, onde o jeito da gente viver e falar também tem valor e lugar de saber.

Imagem 3: Vão de Almas, casa de Josivânia Francisco dos Santos.



Fonte.: Arquivo pessoal.

“Memória ancestral viva”/ “saberes que me construiu”

Goiânia, agosto de 2025.

Minha Rainha,

Hoje, ao escrever esta carta, meu coração se enche de gratidão e lembranças. Em cada passo da minha trajetória, percebo que fui sendo construída pelos seus saberes, pelos seus gestos de cuidado e pelos seus ensinamentos de vida. Tudo o que sou carrego em mim o eco da sua voz, o toque das suas mãos e o exemplo da sua força. O que aprendi com você não veio apenas das palavras, mas das ações, do modo como cuida, acolhe, ensina e transforma o cotidiano em aprendizado. Seus saberes são antigos, nascidos das vivências com a terra, com as plantas, com o corpo, com o tempo. São saberes que atravessaram gerações e hoje se revelam em mim, nos meus irmãos e nos seus netos.

Mãezinha, você sempre teve o dom de cuidar com afeto e de ensinar com o coração. E ao conhecer um pouco de sua trajetória, suas vivências e sua coragem, hoje me sinto conectada com seus saberes e aprendizagens, pois me ajudaram a entender de onde venho e quem sou. Por isso, a senhora é o motivo de meu orgulho. Os seus ensinamentos me mostraram o valor da paciência, da escuta e da partilha. Com você, aprendi que o saber não é algo que se guarda, mas que se transfere com amor, de mãe para filha, de filha para filho, de geração em geração. Seus saberes de cuidado são sementes que florescem em todos nós. Eles estão presentes nas conversas, nas orações nas receitas, nas palavras que confortam e nas mãos que curam. Hoje vejo você reforçando pra nós, repassando esses mesmos gestos para os netos, para os filhos de outras mulheres e para todos que se aproximam de você. É bonito ver como, o que aprendi em seu colo se espalha pelo mundo.

Entendo agora que a travessia da vida é construída com saberes anteriores, vindos das mães, das avós, das mulheres que nos antecederam. E que esses saberes seguem se renovando através de nós, suas filhas, quando cuidamos, cremos e ensinamos.

A maternidade, me fez compreender ainda mais a grandeza da sua mãe. Ao me tornar mãe, senti o quanto suas palavras florescem em mim. Os ensinamentos materna e a presença paterna de meu pai formaram o meu chão, e é nesse chão que sigo caminhando firme, levando comigo o que aprendi: que o amor, o cuidado e o respeito são a base de tudo. Lembro bem quando a senhora dizia: “não abaixe a cabeça, minha filha.” Hoje digo com orgulho, não abaixei, mãe. Estou aqui, concluindo esta etapa da minha vida, e pronta para construir mais capítulos, mais caminhos e uma travessia ainda mais bonita.

Depois de escrever estas cartas e revisitar o livro, a universidade, as memórias e a nossa história, eu entendi algo ainda mais profundo: tudo sempre me levou de volta à senhora. Cada palavra que li, cada ensino que recebi, cada caminho que percorri, tudo encontrava eco no que a senhora já viveu, já falou e já me ensinou muito antes.

O mundo me mostrou caminhos, mas foi a senhora que me ensinou a caminhar. Os professores me trouxeram livros, mas a senhora foi meu primeiro aprendizado. A universidade ampliou minha visão, mas foi sua sabedoria que me deu chão.

Hoje compreendo que cada gesto seu guarda uma ancestralidade inteira. A forma como cuida, como observa, como nos prepara, como conta uma história, como olha para a natureza... tudo isso me construiu. Eu carrego a senhora nas minhas escolhas, na minha arte, nos meus passos e no meu modo de ser mãe.

Obrigada, mãe, por ser minha raiz, minha força e minha memória viva.

Obrigada por cada ensinamento, cada coragem, cada saber e cada proteção.

Obrigada por me mostrar que conhecimento não se perde, ele se planta.

Obrigada, mãe, por me ensinar que ser mulher é ser raiz, é ser resistência e é ser amor em movimento.

Obrigada por me construir com suas histórias, suas mãos, sua fé e sua coragem.

Eu sigo andando, mas nunca deixo de voltar, porque é na senhora que eu encontro meu começo.

Com amor e gratidão,
Sua filha, Josivânia 🧡

Imagem 4 — Retrato de Dona Fiota.



Fonte: Josivânia Francisco dos Santos. Desenho. Grafite, tinta acrílica em tela. 2025.

2 CARTAS AO NEGO BISPO...

Imagem 5 — Nego Bispo.



Fonte: Blog *Educação e Território* (2023)¹.

¹ Disponível em:
<https://educacaoeterritorio.org.br/reportagens/nego-bispo-entenda-a-importancia-de-antonio-bispo-dos-santos/>. Acesso em: nov. 2025.

“Entre saudades e esperanças”

Goiânia, outubro de 2025.

Querido Antônio Bispo dos Santos,

Você não me conhece, mas li seu livro “A terra dá, a terra quer” e tive uma grande afinidade.

Sou Josivânia Francisco dos Santos, tenho 28 anos, sou da comunidade Quilombola Vão de Almas Kalunga, nascida e criada na fazenda Mãe de Óleo Kalunga, localizada no interior do município de Cavalcante-GO. Sou mulher negra, mãe e quilombola. Filha de Deuzamí Francisco da Conceição, conhecida por todos como dona *Fiota Kalunga* ou *Fiota da Fuloresta*, como ela mesma gosta de dizer, e de Calisto de Sousa Santos, conhecido por seu Calisto. Mãe do Heitor Francisco Araujo dos Santos, de 7 anos, que é minha alegria e minha força. Venho de uma família grande, com 6 irmãos: 2 irmãs e 4 irmãos. Tenho 10 sobrinhos, 3 meninas e 7 meninos.

Nasci e cresci no Vão de Almas, onde estudei até o 9º ano do ensino fundamental no Colégio Municipal Santo Antônio. Em 2013, saí do meu território para cursar o ensino médio na cidade de Cavalcante-GO e em Brasília-DF em busca de outros caminhos, mas sempre trazendo comigo a raiz do quilombo. Atualmente curso Licenciatura em Artes Visuais na Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás (FAV/UFG). É dentro dessa travessia que venho desenvolvendo meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), que tenho como título “**Erguendo a minha voz: a valorização dos ensinamentos de uma mulher-mãe Kalunga no curso de Licenciatura em Artes Visuais da FAV/UFG**”. Neste trabalho busco trazer a força da minha identidade como mulher-mãe negra quilombola, colocando em diálogo os saberes que recebi no meu território com os conhecimentos acadêmicos, para que eles possam, mutuamente, serem valorizados. Mas também, ao contar minha história e apresentar meu TCC quero mostrar que minha voz não

fala só de mim, mas também irradia memórias, espiritualidades e resistências de todo o meu povo Kalunga.

Fui nascida e criada naquelas matas, veredas, rios, chão de força e de memórias, no interior do Kalunga. Trago comigo a raiz do quilombo e é por isso que escrevo para o senhor, como se fosse uma prosa de coração aberto. Ao dizer senhor quero dizer a respeito da minha educação e respeito com os mais velhos. Minha vida é de mulher negra, de mãe, de luta e de carinho. Minha família toda sempre me fortaleceu, cada um do seu jeito. Mas quem se apresenta primeiro na família (minha lembrança) é minha mãe, *Fiota Kalunga*, a mulher da liberdade, que transformou a sua família em frutos de amor e de respeito. Ela é mulher de sabedoria, de floresta, de colheita, de resistência, de plantas, de cozinha, dos óleos, dos frutos, de vereda, dos remédios da terra e de conhecimentos que vem da roça. Ela mesma gosta de falar: “eu sou a *Fiota da Fuloresta*”². E é desse jeito que ela se apresenta, como mulher de raiz e de memória.

Meu pai sempre nos guiou e reforçou com conselhos e coragem, mostrando que o estudo e o trabalho são caminhos de dignidade. Foi ele e minha mãe que nos ensinou que seguir com coragem é honrar a nossa história. Lembro muito bem dos conselhos que minha mãe passou pra gente na infância sobre o que é ser mulher forte, de como ser mulher de sabedoria e nos explicaram seus conhecimentos, resistências e saberes.

Meu interesse nesta pesquisa surge da necessidade de fortalecer e dar visibilidade a memória e a cultura quilombola, especialmente a partir da perspectiva de uma mulher-mãe. Como Kalunga, reconheço a importância de preservar e compartilhar os ensinamentos que moldam nossa identidade coletiva. Além disso, a pesquisa busca a valorização das narrativas de mulheres negras Kalunga e quilombolas, que muitas das vezes não têm suas vozes valorizadas nas produções acadêmicas e artísticas.

Ao longo do meu trajeto no curso de licenciatura em Artes Visuais, enfrentei diversos desafios, como mãe, mulher negra, quilombola e estudante. Por isso, compreendo que muitas mulheres como eu, ao ingressarem na universidade, acabam desistindo por não encontrarem um espaço de acolhimento e

² O termo “Fulorestra” se refere a linguagem materna do povo Kalunga, podendo variar nos termos “floresta”, “matas”, “capueiras” e “matagal”. Conforme a explicação de dona Fiota, significa matas que têm flores, frutos, árvores grandes e pequenas, bichos, águas correntes.

pertencimento. É justamente nesse ponto que o meu trabalho ganha força: quero ser ponte, espelho e resistência para que outras mulheres quilombolas que virão depois de mim saibam que é possível permanecer, resistir e concluir.

Esta pesquisa carrega o desejo de deixar um legado, uma mensagem para as futuras gerações de mulheres negras e quilombolas que sonham com a educação e com a arte: *“você podem sim, estar aqui, ocupar esse espaço, com o pé firme e com força”*. Quero que elas sintam acolhidas pela minha história e inspiradas pela minha luta. Eu sou parte da resistência, sou uma voz que se levanta para abrir caminho e dizer: *“a gente deve, a gente pode, a gente consegue, e estamos aqui para atravessar”*. Desde então, a pesquisa envolve a construção de narrativas visuais que resgatem a cultura, os desafios e as resistências dessa mulher dentro de sua comunidade e no contexto urbano.

Quando eu era criança, lembro bem dos ensinamentos que minha mãe sempre passava pra gente, e que até hoje continuam nos fortalecendo. Somos sete irmãos: quatro homens e três mulheres. Comecei a entender melhor as coisas da vida e a guardar lembranças boas a partir do momento em que minha mãe teve o último filho. Mas, mesmo antes do penúltimo e do caçula nascerem, já havia alguma memória dentro de mim, mesmo que um pouco apagada. Depois que eles chegaram, foi que as lembranças ficaram mais vivas. Lembro das brincadeiras, das vivências, dos momentos difíceis também, que passaram, mas que formam a história da minha existência. Cada ensinamento da minha mãe me fortaleceu e me preparou pra ser quem sou hoje: uma mulher de luta, de sabedoria e de resistência. Tudo isso foi e continua sendo um compromisso com minha história. Uma caminhada difícil, mais cheia de força, coragem e saberes tocantes.

Desde então, as palavras da minha mãe sempre foram cheias de acolhimento, ensinamento, cuidado, sabedoria, esforço, carinho e muito amor. Os conselhos que ela me dava na infância foram essenciais para minha trajetória e pro modo de como eu passei a enxergar o mundo hoje. Lembro de quando eu era mocinha, e ela falava assim: "Vai se vestir como moça. Coloca uma saia média ou uma bermuda mais certa. E essa blusa aí? Não está boa, vai vestir outra." Ela dizia com firmeza: "Minhas filhas, vocês têm que aprender a se conservar, a não ficar muito errada. Essas falas ficaram marcadas em mim. Ela sempre dizia que tudo o que ensinava era uma missão: "Tudo que eu passo pra vocês aqui hoje é porque

quero o melhor pra vocês e para seus filhos no futuro. Quero ver meus filhos tudo se dando bem nesse mundo. Nem que seja com muita alegria, saúde e amor, sem brigas com seus irmãos nem com ninguém. Olha pra mim, eu não tenho briga com ninguém. Por onde eu passo e vou, sempre tem amigo, nunca inimigo.

Outra lembrança boa era quando a gente tinha apresentação na escola. Eu ia vestida com uma das saias médias da minha mãe nem curta, nem comprida, porque ela sempre pedia pra gente usar roupas com cuidado: uma blusa boa, uma saia comportada, um short por baixo, pra não correr risco de passar vergonha ou da roupa cair. Isso era conselho dela, coisa de zelo mesmo. Os conselhos que minha mãe me deu na infância e na juventude me ensinaram a me preservar e me fortalecer. Foi com ela que aprendi o valor de ser uma mulher independente. Por exemplo, aprendi a cuidar dos meus irmãos mais novos quando era novinha. Eles tinham uns oito anos, eu tinha nove, mas mesmo assim, me sentia protegida. Era como se eles fossem meus anjos da guarda. Ninguém me tocava, ninguém me tratava mal. Eles andavam sozinhos, mas nunca me deixavam sozinha.

Assim, nasceu minha pergunta de investigação: Como os ensinamentos de uma mulher-mãe Kalunga do *Vão de Almas*, Fazenda Capivara, podem valorizar a identidade quilombola no curso de Licenciatura em Artes Visuais da FAV/UFG?

Como objetivo geral, busco investigar os ensinamentos de uma mulher-mãe Kalunga do *Vão de Almas*, Fazenda Mãe de Óleo Kalunga, como valorização da identidade quilombola no curso de Licenciatura em Artes Visuais da FAV/UFG.

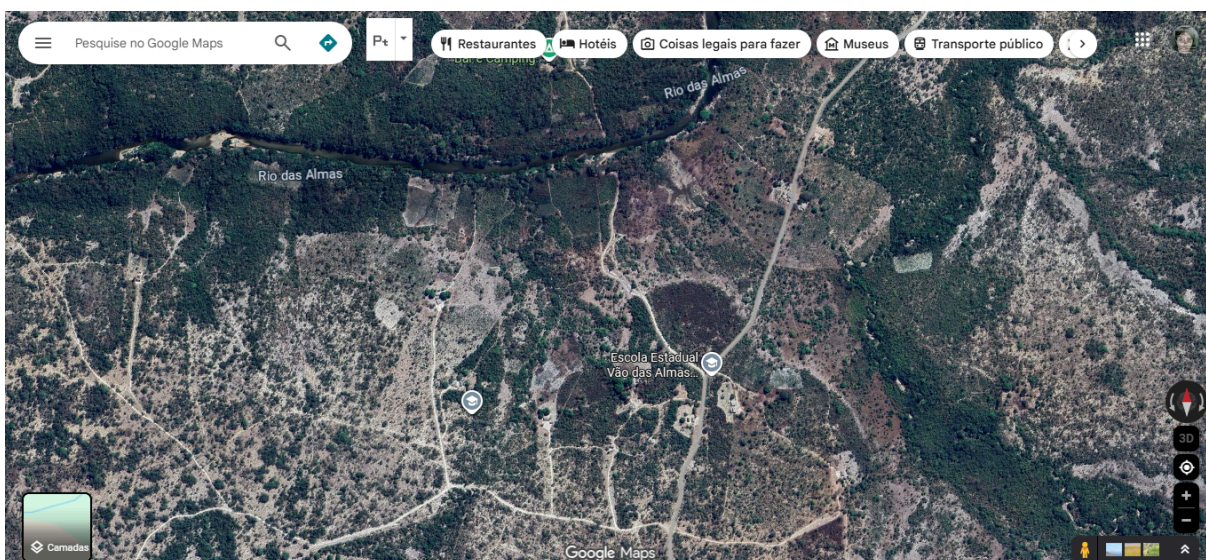
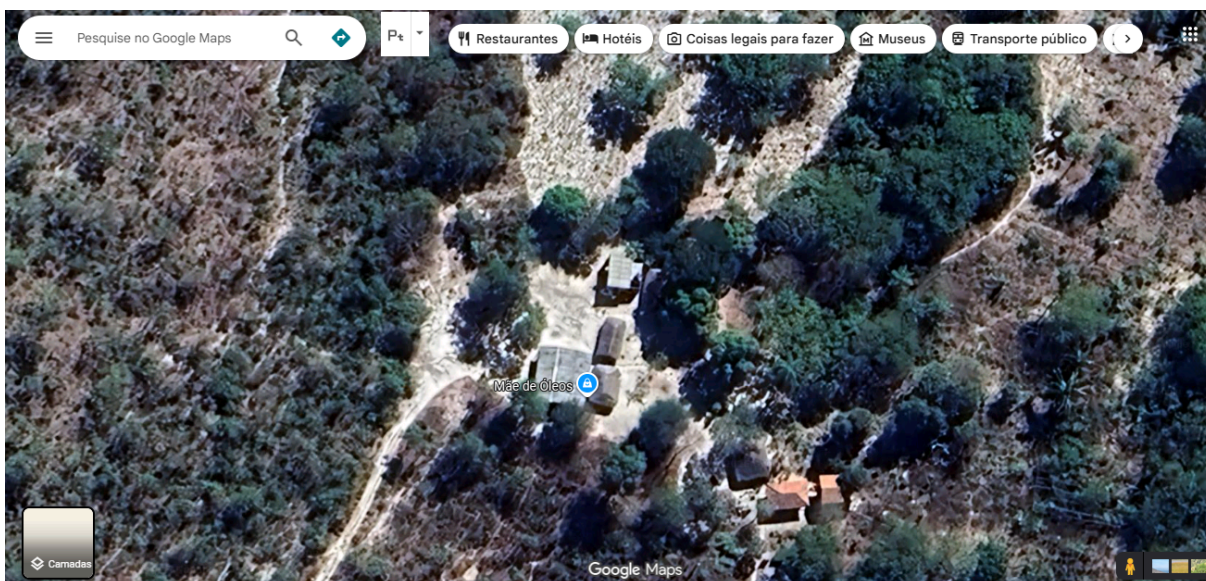
Os objetivos específicos buscam: 1. Registrar memórias e vivências de uma mulher-mãe Kalunga por meio de desenhos, imagens e relatos; 2. Refletir sobre as relações entre ancestralidade, maternidade e identidade cultural no contexto quilombola; 3. Destacar a importância da arte como meio de valorização dos ensinamentos (modos de ensinar e aprender) da cultura quilombola.

A pesquisa terá um caráter qualitativo, com abordagem interdisciplinar, unindo arte, memória e identidade cultural, e será desenvolvida a partir das histórias de vida. E essas histórias de vida vem da minha mãe para mim, e para outras mulheres como força e valorização de sua identidade.

Minha comunidade é o *Vão de Almas*. É um território quilombola Kalunga, onde eu nasci e fui criada. É o meu chão, minha raiz, o lugar que carrego no coração. É um território cheio de memória, de força e de tradição, onde cada

cantinho guarda histórias dos nossos ancestrais e da luta do meu povo. Então, o Quilombo Kalunga é ao mesmo tempo nossa moradia, nossa memória, nossa resistência, nome forte que carrega tradição, ancestralidade, natureza, medicina e luta.

Imagem 6 — Região Rio das Almas, Vão de Almas.



Fonte: Google Maps (2025).

“Raízes que ensinam”

Goiânia, outubro de 2025.

Amigo Nêgo Bispo, eu sei que você fala das Raízes. Quer saber das minhas?!

Enquanto crescia, ouvia meus pais e meus avós contando histórias e tendo entendimento, perguntei a eles sobre o nosso território quilombo Kalunga: “Por que esse nome Quilombo Vão de Almas Kalunga?”. Meus pais nos contaram que a história do quilombo Vão de Almas Kalunga vem de longe, desde antes de seus nascimentos, dos tempos de seus avós, bisavós e seus ancestrais. Minha mãe contou, sobre o seu saber, que sua mãe Benedita e sua avó Maria contaram que essa tradição Vão de Almas foi construída por causa de uma senhora que era conhecida por dona Nere. Conforme a minha mãe relata, ela foi escravizada e através do seu esconderijo surgiu este território, onde foram acolhidos seus povos refugiados. Era um lugar bem isolado, de difícil acesso e não correria o risco de outras pessoas de fora virem até este local e descobri-las, porque os negros que conseguiram chegar até o Vão de Almas começaram a entender que estavam seguros e passaram a chamar de seus aquele Território.

Já meu pai contou que o Kalunga foi gerido através de dona Procópio, uma senhora ancestral de saberes, uma das mulheres mais velhas de tradição do nosso território. Ela é do povo Kalunga da comunidade de Riachão, que antigamente era também um lugar de difícil acesso para pessoas de fora. Conforme o que o meu pai fala, ao lado da casa dela havia um córrego cercado por muitos pés de Pau-Kalunga. Foi através dessa planta do cerrado que começou a surgir o nome do território onde ela morava. Com o tempo, as histórias e as memórias deste lugar foram se espalhando, e as pessoas que viviam mais acima nas partes mais altas também começaram a usar o nome Kalunga. Assim, a partir da região onde vivia dona Procópio, chamada de Kalunga do Riachão, o nome se estendeu para outras partes do Território, chegando até o nosso Território que hoje é conhecido como Kalunga do Vão de Almas. Foi assim que o Território Kalunga e Vão de Almas

receberam seus nomes e se tornaram o espaço onde nosso povo construiu sua história e sua vida.

O nosso quilombo é formado por vão que chamamos de *varedas* e cerrados, lugares planos e ao mesmo tempo altos, entre serras e morros, cheios de vidas e histórias. Lugares onde nomeamos cada local, por exemplo: “Morro de Guerreiro”, que fica em frente a casa do meu irmão Guerreiro; “Morro do Pé de Poina”, que fica em frente a casa minha; “Morro do Capão”, que fica no caminho da escola e outros mais.

Olha só nego bispo, como tem muitas coisas que conheço que me fazem feliz e pertencente àquele lugar. Entre as moradias do meu povo há matas, morros, rios, grotas, frutos, cerrados, cemitérios, veredas, florestas, animais e digo, “paz”. Você vê, vê e sente tudo isso. Então, vou falar no meu sentir e na minha crença onde está a minha ancestralidade.

Sou bisneta de pessoas que foram escravizadas, meus ancestrais que são ancestrais dos meus pais, que são ancestrais dos meus avôs(ós), que são ancestrais dos meus bisavôs(ós), que são ancestrais dos meus *teteravôs(vós)* que sentiram na pele o que é ser escravo, que realmente passaram o que não passamos, deixaram essa crença para todos os seus frutos que viessem a nascer nesta terra.

Quando nasci, já tinha um pouco de tudo da natureza ao meu redor, e algumas coisas que aprendi foram ensinadas como algo registrado no cartório, só que, há diferenças entre elas. Igual você comenta bispo, Cartório: pago, escrito e registrado por leis. Ensinamentos: deveres necessários.

Então fui crescendo e acompanhando sempre meus pais em vários tipos de trabalhos, e também deparando com muitas coisas diferentes em todos os tipos de nossas trajetórias. A gente subia em árvores, subia em morros altos e baixos, na seca e nas águas, e ali tínhamos o prazer de visualizar e ter a noção de como seriam os modos de olhar toda aquela beleza com diferentes ângulos, de perto e de longe; caminhos e trilhas; casas, rios e córregos, até nascentes entre os morros; barulhos de gentes, de cachorros e os cantos dos galos; ecos entres os rios, pessoas e animais andando; bichos com aparências enganosas, coisas estranhas em caminhos de escolas, em capão de cemitérios, assombrações a noite em alguns lugares; espíritos acompanhadores, vultos e gritos imitantes a alguém da família;

ameaças de espíritos maldosos que desciam *em pessoas de peitos abertos e de pouca fé em liberdade protegida por Deus*. Então, quando a gente vê aquilo, sente aquilo e passa por aquilo, percebemos que tudo é realidade.

Imagem 7 — Fruto da planta kalunga³.



Fonte: Fotografia de Dona Fiota, em 27/10/25.

³ A planta Kalunga tem um cheiro forte por isso era usada no corpo pelos refugiados para despistar seus cheiros nos roteiros para que os caçadores não a encontrassem. Depois foram utilizadas como remédios medicinais.

“Vivências no Território Kalunga”

Goiânia, outubro de 2025.

Amigo, sabe como são nossas vivências no Território Kalunga?

Cada casa do Vão de Almas têm sua história. A maioria ainda é feita de *adobe*,(tijolo de barro amassado), com telhados de palhas, caibos, taboca, pregos como faziam nossos antepassados. Nos últimos anos, algumas casas passaram a ser construídas com blocos de concreto, mas mesmo assim, o estilo e a memória da comunidade continuam vivos. Cada casa carrega a força da família que nela vive, e cada espaço guarda histórias e memórias de quem passou por ali.

O povo do Vão de Almas é acolhedor, amigo e unido. Todo mundo se conhece, e quando alguém precisa, o outro corre pra ajudar. Tem vizinho que ajuda na roça, vizinho que ajuda na colheita, vizinho que ensina o que sabe, vizinhos que faz trocas para plantios, doando um pouco de tudo aquilo de si para o próximo, isso é coisa feita em comunidade, coisas que aprendemos com os mais velhos e que chamamos de cuidado. Esses saberes de cuidado e afeto são sementes que florescem em todos nós, que se espalham pelo tempo e se transformam em aprendizado, amor e resistência. Eles me lembram que a travessia é construída com saberes anteriores, repassados desde a maternidade, e fortalecidos nas relações de linguagem materna e paterna.

Algumas pessoas estão mudando suas ações, seu jeito de ser, deixando de lado a sua raiz ancestral, sinto que isso está acontecendo por causa dos novos conhecimentos fora do território.

As crianças crescem brincando livremente, no meio da roça, no terreiro, perto do rio. A gente aprende a dividir, a respeitar, a cuidar da natureza e das pessoas. Os mais velhos contam as histórias, contam causos, tocam os instrumentos, cantam músicas, dançam sussas, forros fondongo e ensinam a importância de manter nossas tradições vivas.

A comida da comunidade também carrega memória. Bispo quando você fala “a terra dá” “a terra quer” lembro de quando meus pais falavam pra gente no tempo

das plantações quando estávamos nos seus cuidados: “bora ver meninos bora plantar porque “o que a terra dá, a gente aproveita”. Na nossa comunidade nesta época era muito boa, cheia de riquezas, desejos, farturas e alegrias, tínhamos, milho, feijão, mandioca, frutas nativas, cocos, frutos do cerrado e das matas, tudo aquilo que plantamos e o que não plantamos, e cada refeição era feita com amor e cuidados. Cada sabor traz lembranças da importância de cuidar da terra e do próximo.

As festas e celebrações são momentos especiais. A gente dança sussa, faz rezas, celebrações comunitárias e mistura alegria com fé. É nesses momentos que todos se encontram, compartilham risadas e histórias, e fortalecem a união da comunidade. É assim que a cultura segue viva, transmitida de geração em geração, lembrando sempre da importância de preservar nossa memória.

O nosso dia a dia no Vão de Almas é cheio de trabalho, aprendizado e cuidado. Cada família cuida da sua roça, planta, colhe, cria animais, cozinha, cuida das crianças e dos mais velhos. Mas sempre há tempo pra visitar, conversar, ensinar e aprender com os outros. A vida ali tem ritmo da natureza: o som do rio, o cheiro da terra molhada, a sombra das árvores, o canto dos pássaros e os rastros dos bichos. Bispo, cada canto do Vão de Almas carrega uma história: o rio que alimenta, as árvores que dão sombra e frutos, os caminhos que ligam uma casa à outra. É nesse Território que aprendi o valor da terra, da memória e da comunidade. É nesse quilombo que minha vida foi moldada, que minha família se fortaleceu, e que aprendi a ser mulher, mãe e filha da minha cultura.

Para você ver, a terra da comunidade kalunga do Vão de Almas não é comprada, é herdada de nossos ancestrais, passada de geração em geração. Terra de respeito, entendimento, acolhimento, poder ancestral, e vida pura. É nela que a gente planta, colhe, cuida da comida, das tradições e das memórias. É nela que a vida do quilombo continua, e a história do meu povo se mantém viva. Por isso, estou aqui contando para você quem sou eu, de onde sou, quem é minha família, qual terra me deu o eu. Escrever sobre minha vida, minha família, minha comunidade e minha trajetória, não está sendo fácil, mas estou me arriscando para te contar porque me identifiquei com sua história. Ao trazer minhas lembranças do meu território, busco mostrar a força e a beleza do nosso povo Kalunga. As palavras do seu livro “a terra dá”, “a terra quer”, me acompanham, despertam reflexões sobre

minha história e me fazem perceber ainda mais a importância de manter vivas nossas memórias, tradições e a força do quilombo.

As pessoas do Vão de Almas são simples, mas de um coração enorme. Todo mundo se conhece, e quando alguém precisa, o outro corre pra ajudar. É pessoas ensinando, aprendendo, conhecendo, fazendo, ajudando e trabalhando, tudo em família. É um povo que respeita o outro, que valoriza a vida do jeito que aprendeu com os mais velhos. No dia a dia, a vida é de trabalho e aprendizado. As famílias cuidam de seus afazeres, mas sempre reservando um tempo para se interagir, rir, ensinar e aprender com o outro. A vivência no Território Kalunga é simples, mas cheia de significado.

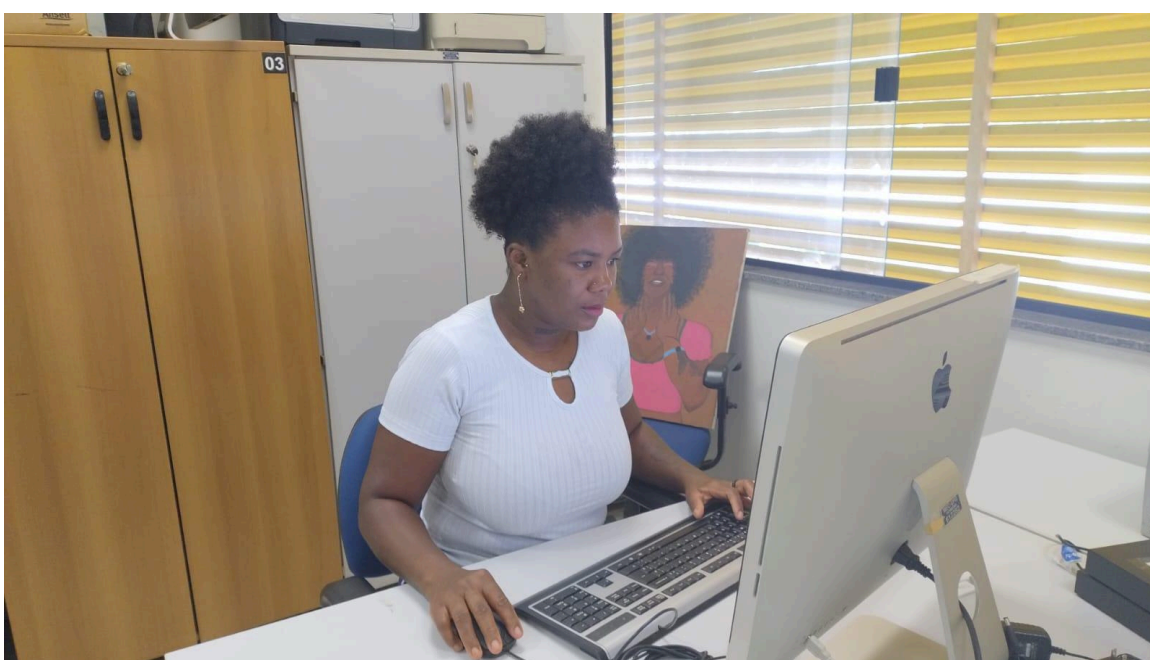
Esta carta é uma forma de expressar minha história, minhas raízes e a importância da minha comunidade. Ao escrever para você Bispo, busco compartilhar um pouco da minha vida e da riqueza cultural do povo Kalunga.

É com essas reflexões: sentimentos, entendimentos, trajetórias, lembranças, roteiros, sabedoria e expressões que eu venho escrevendo e me aproximando do seu livro Bispo. Suas palavras me acompanham e despertam lembranças, como se fosse um chamado para olhar de novo para minha história e reconhecer a força que vem dos meus pais. Parece até que você está proseando comigo, lembro muito das histórias, contada pelos meus pais, que eu escutei com meus irmãos na beira do fogão a lenha, na beira do rio, no meio da roça,.

Essa escrita é o começo do meu trabalho, mas também é uma forma de demonstrar minha identidade e minha gratidão por esse caminho que abriu com suas palavras e sua luta. Aqui, sigo lendo, lembrando e escrevendo, para que a nossa história continue viva e que eu encontre força e sabedoria em cada passo que dou na minha travessia.

3 CARTAS À UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

Imagem 8 — “Entre saberes e resistências”.



Fonte: Arquivo pessoal.

“Entre saberes e resistências: minha travessia na Universidade”

Goiânia, novembro de 2025.

Querida Universidade Federal de Goiás,

Você me acolheu num momento em que eu buscava mais do que um diploma, eu buscava me reconhecer, me reencontrar e entender de onde vem a minha força. Dentro de suas salas e corredores, encontrei caminhos que me levaram de volta à minha história, às raízes da minha mãe, da minha avó e de todas as mulheres quilombolas e dos ancestrais. Foi aqui que aprendi a dar nome ao que sempre esteve dentro de mim: a memória viva da mulher mãe quilombola. E, ao me reencontrar com os livros e palavras, me vi refletida, como se cada compartilhamento falasse um pouco da minha própria caminhada. As leituras me fizeram compreender que minha trajetória é também uma escrita, feita de lutas, silêncios, resistências e amor.

Escrevo esta carta com gratidão, lembranças e aprendizados. Durante o tempo em que estive aqui, vivi uma trajetória de muitas descobertas, desafios e superações. Entrei pela UFGINCLUI e foi um sonho que parecia distante, mas que se tornou realidade graças à força da minha ancestralidade, à coragem que carrego como mulher mãe quilombola e ao apoio de pessoas que cruzaram meu caminho. Quando cheguei, pensei que encontraria apenas uma formação, mas encontrei muito mais: encontrei acolhimento, professoras, professores e colegas que foram verdadeiros anjos em minha trajetória de vida, que acreditaram em mim quando eu duvidei, que me ensinaram não só com livros, mas com gestos de humanidade.

Quando entrei na Universidade Federal de Goiás, aqui, eu carregava comigo muitos sonhos e também muitos medos. Eu vinha de uma realidade diferente, trazia comigo a vivência do quilombo, o cuidado com meu filho e a vontade de aprender mesmo diante das dificuldades. No começo, tudo era novo: as salas, as pessoas, o jeito de estudar, os horários apertados, o cansaço. Mas cada desafio foi me fortalecendo, me mostrando que eu era capaz. Ser mãe e estudante ao mesmo

tempo não foi fácil. Tiveram dias em que eu precisei estudar de madrugada, outros em que levei meu filho junto nas atividades, e momentos em que pensei que não ia dar conta. Mas foi nesses instantes que descobri o valor da persistência e o poder da fé. O amor pelo conhecimento e o desejo de mostrar para o Heitor que tudo é possível me deram forças pra continuar. Aqui dentro aprendi que o saber não está só nos livros, mas também na escuta, na troca e na convivência. Cada professor que me acolheu, cada colega que estendeu a mão, cada trabalho feito com esforço tudo isso se tornou parte da minha caminhada. Foi nesse tempo que entendi que o aprendizado é também um caminho de autoconhecimento e que, mesmo quando as dificuldades apertam, sempre há um motivo pra seguir.

Durante essa caminhada, enfrentei dias difíceis, semestres de medo, de incerteza, de correria entre cuidar do meu filho, cumprir as tarefas da faculdade e outras responsabilidades. Houve dias em que o cansaço tentou me vencer, mas a vontade de continuar falando da minha história, da minha cultura e do meu povo sempre me empurrou pra frente. A cada disciplina, a cada desenho, fui descobrindo novas formas de expressar o que trago dentro de mim, a memória, o amor, o cuidado, e a força que herdei de minha mãe e de todas as mulheres que vieram antes de mim. Lembro do começo, quando eu dizia que não sabia desenhar. Tenho guardados até hoje meus primeiros desenhos, o primeiro deles foi uma televisão. Passei quase três semanas pra fazer, e naquele tempo pensei até em desistir de mim. Mas com o tempo fui aprendendo, construindo uma nova forma de ver e viver o aprendizado. Fui compreendendo que aprender não é só acertar, é também se permitir tentar de novo, com paciência e coragem.

A arte me mostrou que minha voz também pode ser imagem, cor e linha. Hoje, ao escrever esta carta, percebo o quanto cresci. A FAV/UFG foi e sempre será parte da minha história. Aqui aprendi que o conhecimento não é só o que se lê nos livros, mas também o que se vive, o que se sente, o que se compartilha.

“O que desejo para a UFG?”

Goiânia, novembro de 2025.

Minha irmã, FAV,

Cada disciplina estudada, cada traço de desenho realizado e cada conhecimento compartilhado por professores e colegas me fizeram chegar até aqui. E é a partir dessa caminhada que nascem também meus desejos para a Universidade. Desejo que a UFG continue sendo um espaço de acolhimento, de escuta e de respeito às diversas formas de saber. Espero que mais mulheres, principalmente mães, negras, quilombolas e de comunidades tradicionais, possam ocupar esse lugar com liberdade e dignidade. Que elas se sintam pertencentes, sem medo de mostrar suas raízes e suas histórias. Que a Universidade possa olhar com mais sensibilidade para as dificuldades que enfrentamos fora e dentro da sala de aula porque estudar é também resistir. Sonho com uma UFG que valorize mais as vozes que vêm do interior, dos quilombos, das aldeias e das periferias. Que incentive projetos que unam o conhecimento acadêmico ao saber ancestral, fortalecendo as memórias e as práticas que vêm de nossos povos.

Em cada conversa, em cada olhar atento, haverá um aprendizado que irá além do conteúdo, é também um gesto de cuidado, de incentivar e de reconhecer. Tudo isso constrói em mim uma nova visão de ver o mundo, que aprender a partilhar é também deixar transformar pelas trocas que acontecem no caminho dentro da universidade. Desejo que a arte continue sendo um caminho de expressão e transformação, e que a Universidade abra ainda mais espaço para que artistas negras(os) e quilombolas possam mostrar suas produções, contar suas histórias e ensinar com o corpo, com a voz e com o coração.

Desejo que essa universidade continue sendo um espaço de escuta, acolhimento e transformação. Que possa olhar para nós, estudantes vindos dos quilombos, das aldeias, dos interiores, com o mesmo respeito que olha para qualquer outro saber. Que continue abrindo portas para quem traz a sabedoria do

chão, da roça, do rio e das mãos que criam. Trago comigo o compromisso de continuar sendo essa mulher mãe quilombola que aprendeu a transformar a luta em arte, o cuidado em resistência e a memória em futuro. Que a minha presença aqui seja também a presença das mulheres do meu quilombo, das vozes da minha mãe, Fiota Kalunga, das minhas irmãs,, irmãos, parentes e de tantas outras que me ensinaram a ser forte sem deixar de ser sensível.

Desejo que meu caminho dentro da universidade inspire outras mulheres, mães, quilombolas e negras a acreditarem que também é possível chegar, permanecer e se destacar com seus próprios jeitos de existir. Quero que minhas produções, meus desenhos e minhas palavras sirvam como sementes de memória, como gestos de continuidade e de pertencimento.

E se um dia eu puder voltar aqui, que seja para compartilhar novamente como professora, como artista, como quem nunca deixou de aprender. Porque o saber que eu levo daqui não termina na formatura: ele continua vivo, entre linhas, memórias e histórias que seguem sendo contadas.

Saio desta universidade com o coração cheio de afeto e esperança, levando comigo não apenas um diploma, mas a certeza de que minha aprendizagem, minha arte e minha voz podem abrir caminhos para outras mulheres quilombolas, mães, artistas e sonhadoras como eu.

Imagem 9 — “Pertencer e não pertencer”.



Fonte: Josivânia Francisco dos Santos. Pintura à lápis sobre papel, 2024.

"A importância da representatividade"

Goiânia, novembro de 2025.

FAV/UFG, sabe qual a importância de fazer parte?

Durante a minha caminhada aqui dentro da Universidade Federal de Goiás, percebi o quanto é essencial me ver representada. Conhecer a trajetória de artistas negras e do artista negro como Renata Felinto, Rosana Paulino e Antônio Bispo dos Santos foi como abrir uma janela dentro de mim. Através das histórias delas e dele, comecei a compreender que a arte também é um lugar de luta, resistência e afirmação da identidade.

Foi por meio dessas mulheres e desse homem, da escuta dos meus professores que entendi que minha arte podia nascer das minhas próprias vivências, das memórias da minha mãe, das vivências das minhas irmãs, da força das mulheres Kalunga e das histórias que me formam. Cada traço e cada cor que coloco no papel carrega um pedaço da minha ancestralidade e do meu território.

A representatividade me ensinou a acreditar que minha voz tem valor e que minha presença dentro da universidade também é um ato político. Ver e ouvir artistas negras compartilhando suas trajetórias me ajudou a construir coragem, coragem de ser quem sou, de mostrar meus desenhos, de transformar a dor em criação e a saudade em memória viva.

Hoje, compreendo que estar na universidade é também ocupar um espaço que, por muito tempo, nos foi negado. E quando uma mulher negra, mãe e quilombola chega aqui, ela não chega sozinha, chega trazendo consigo todo um povo, toda uma história e a esperança de muitas outras que virão.

Quero agradecer muito os professores(as) que me deram oportunidades de me apresentar e de compartilhar saberes sobre outros artistas, principalmente artistas negros. Fiquei muito feliz em conhecer as histórias de Renata Felinto e Rosana Paulino. Foi através das obras e das trajetórias dessas mulheres que eu encontrei força para me conectar comigo mesma e entender que minha arte também

fala da minha vida, das minhas dores, alegrias e memórias. Esses artistas negros(os) me inspiraram a confiar em mim, a colocar meus sentimentos no papel e a transformar tudo o que vivi em desenho. Aprendi que a arte pode ser um lugar de cura e de resistência, onde cada traço é também uma forma de lembrar, de existir e de transmitir a memória quilombola que vive em mim.

Através dos conhecimentos que tive sobre Renata Felinto, Rosana Paulino e Antônio Bispo dos Santos, pude abrir novos olhares sobre mim mesma. As histórias desses artistas me fizeram compreender o quanto caminhei, o quanto cresci e o quanto aprendi. Cada um deles, com sua trajetória e sua luta, me ajudou a enxergar que minha arte é ato de resistência, de memória e de amor. Olhares que me fizeram me reencontrar. Esse reencontro me deu mais conhecimento, entendimento e sabedoria. Não para sentir dor, mas para reconhecer o caminho percorrido, lembrar do que vivi e compreender quem sou hoje. Me deu força, resistência e resiliência para seguir. E é com tudo isso que eu desejo que a universidade continue se abrindo para escutar as nossas vozes, as vozes quilombolas, as vozes das mulheres negras e mães que também constroem saberes.

Carrego comigo os ensinamentos da minha mãe, da minha comunidade e de meus ancestrais, e quero trazê-los para dentro da universidade, para que nossa ancestralidade nunca morra. Porque eu entendo que para continuar sendo quem sou, preciso seguir com ela em mim, com a minha história, com meus saberes e com a força de mulheres quilombolas que me formaram. Quero que nossos saberes sejam mais respeitados, acolhidos e valorizados dentro da universidade, porque também são formas de conhecimento. Que exista uma troca de saberes, os saberes ancestrais junto com os saberes acadêmicos, uma troca feita com amor e respeito, não com ofensa ou desigualdade. Que a universidade aprenda a nos ouvir, e que nós também aprendamos a ouvir a universidade. Que seja uma troca viva, que fortaleça a todos(as).

Ao olhar para trás e ver o caminho percorrido, sinto um misto de alegria, gratidão e esperança. Cada desafio, cada lágrima, cada conquista me trouxe até aqui. Aprendi que o conhecimento é mais do que aquilo que se lê nos livros, ele também está nas vivências, nas trocas, nos silêncios e nos gestos de quem acredita junto com a gente.

A UFG foi mais que uma universidade para mim. Foi um espaço de descoberta, de reencontro comigo mesma e com minhas raízes. Aqui, encontrei pessoas que me acolheram, me ensinaram e acreditaram na minha força, mesmo quando eu duvidei.

Saio dessa universidade com o coração cheio de afeto, levando comigo não apenas um diploma, mas a certeza de que minha arte, minha voz e minha caminhada podem abrir caminhos para outras mulheres negras, mães, quilombolas e sonhadoras como eu.

Agradeço a cada professor e professora que me ouviu, me entendeu e me deu oportunidades de mostrar o que carrego dentro de mim. Agradeço à minha mãe, Fiota Kalunga, por ser exemplo de sabedoria e resistência. Agradeço ao meu filho Heitor, minhas irmãs, aqueles que me apoiaram e até mesmo aqueles que me negaram, me excluíram que é minha maior inspiração e motivo para continuar.

Encerrando esta carta, não digo adeus, mas até logo, porque sigo com o desejo de continuar aprendendo, ensinando e compartilhando o que sou.

Que a arte continue sendo minha forma de falar com o mundo e que o mundo possa me ouvir com o mesmo amor que coloquei em cada traço da minha história.

Imagem 10 — “Eu no meu Eu, Reconectar para existir”.



Fonte: Josivânia Francisco dos Santos. Pintura acrílica sobre tela, 2023-2025..

4 CARTA AO MEU FILHO HEITOR

Imagem 11 — “O amor que me moveu”.



Fonte: Josivânia Francisco dos Santos. Xilogravura, 2023.

“O amor que me moveu a vencer”

Goiânia, novembro de 2025.

Meu filho, Heitor Francisco,

Este trabalho foi construído entre memórias, vivências e afetos. Ao longo dessa caminhada, percebo que cada traço, cada palavra e cada lembrança são também marcas da minha trajetória como mulher, mãe e artista negra quilombola. Os estudos visuais da memória que realizei aqui não se encerram no papel, pois fazem parte da minha própria vida, da minha ancestralidade e da relação mais profunda que me move: “a maternidade”.

Por isso, encerro este trabalho com uma carta dedicada a você, ao meu filho, Heitor Francisco, que é parte essencial da minha história, minha maior inspiração e o motivo pelo qual sigo firme na caminhada.

Deixo aqui, em palavras, o mesmo amor que transborda em meus desenhos, “o amor que me moveu a vencer”.

Desde o instante em que descobri que você existia dentro de mim, tudo mudou. Senti os primeiros movimentos e percebi que um novo amor nascia, um amor que me transformou por dentro. Ainda no ventre, comecei a conversar com você, a ensinar com o coração, e a sonhar com o dia em que veria o seu rosto pela primeira vez.


Quando os médicos te colocaram sobre o meu peito, as lágrimas vieram como chuva abençoada. Naquele momento, compreendi o verdadeiro sentido de ser mãe: ser escolhida para cuidar de uma vida. Eu não tinha tudo, mas tinha o essencial, amor, fé e coragem. E foi com você meu filho, que encontrei a força para lutar, vencer o medo e acreditar em mim. Cada gota de leite, cada madrugada acordada, cada sorriso seu foi combustível para eu seguir. Tudo o que fiz, fiz por amor. Peço desculpas por nem sempre poder te dar tudo de melhor, mas agradeço por você sempre entender o meu esforço, o meu trabalho e os caminhos que trilhamos juntos.

Desde muito pequeno, você esteve comigo, nos lugares, na memória, no coração e nos meus desenhos, eles são o retrato das nossas vivências, dos nossos momentos, das nossas histórias contadas e das marcas escondidas que ainda não te revelei. Cada traço que desenhei é também uma lembrança nossa, uma memória de amor e resistência. Em cada linha, há um pouco de nós dois: mãe e filho, arte e vida. Através da arte, aprendi a te ensinar o valor do amor, do respeito, do cuidado e da vida. Fui a fonte que te regou, te fortaleceu e te viu florescer. E é essa fonte que ainda corre viva em mim, alimentando o meu desejo de te ver crescer com sabedoria e coragem.

Meu filho, quero que saiba: estarei sempre aqui, como mãe, como amiga, como abrigo. O meu colo é seu porto seguro, e o meu amor é o seu lar. Siga seus caminhos com firmeza, sem abaixar a cabeça. Como dizia seu avô: “O que é dos outros não é seu, vá atrás do seu.” E como dizia sua avó: “Não abaixe a cabeça, minha filha.” Eu te passo essas palavras como herança de amor e de força, “não abaixe a cabeça meu filho”.

Não quero que seja melhor ou pior do que ninguém. Quero que seja você mesmo, verdadeiro, justo, motivador, sensível e forte. Que carregue nossas raízes com orgulho, e que leve consigo a certeza de que foi o meu maior presente e minha maior inspiração. Quero te ver seguindo seus sonhos, acreditando na sua arte, mostrando seu talento ao mundo sem medo de errar. Rabisque o quanto quiser, experimente, crie, sonhe. Construa o seu próprio ponto definitivo, o seu lugar no mundo. Lembre-se: você é sua primeira motivação. Ame-se a cada trajeto, em cada passo, em cada fase.

Mesmo que um dia eu não permaneça fisicamente ao seu lado, acredite: sempre serei a sua inspiração, assim como você foi e é a minha. Siga o caminho da sua criança, a criança alegre, sonhadora, motivadora, cheia de brilho, de amor e de desejos de construção. Você consegue, meu filho. E enquanto houver lembrança, arte e amor, estaremos sempre juntos, entre linhas, memórias e corações.

Com todo o amor do mundo,
Mamãe, Josivânia 

5 CARTAS À JOSIVÂNIA

Imagem 12 — Sem título.



Fonte: Arquivo pessoal.

“De Eu para Meu Eu: Infância em Travessia”

Goiânia, dezembro de 2025.

Minha menina,

Eu volto agora para te encontrar lá onde o vento soprava manso, onde a terra ensina mais que qualquer escola e onde a criatividade nascia antes da gente saber o nome dela. Te vejo correndo com as bonecas que o mundo não comprou porque você mesma inventou.

Boneca de barba de bode (capim do campo), de pano enrolado com pano velho, que se transformava em filha, em irmã, em amiga e em família bem antes de você entender que isso era arte. E era arte, viu? Arte viva, raiz ancestral que com sua mão pequena já sabia criar futuro sem ter futuro pronto.

Te lembro cavando o chão com as irmãs e irmãos, brigando e brincando tudo misturado, fazendo casinha de palha igual as casas de verdade, construindo fogãozinho de pau e cama de laranjeira fina, vivendo um mundo que vocês mesmas montavam, sem pressa, sem celular, sem nada além da imaginação. Você não sabia, mas ali já era artista.

Seu pai te ensinava sem discurso, mostravam o Buriti: virando quibano, peneira e tapiti. Tudo ali virando sobrevivência. A cambota virando diversão, sua mãe te mostrava que pano é universo, que retalho aquece corpo e memória, que costura é gesto de amor. E você ficava ali olhando, querendo aprender tudo.

Quando ganhou sua primeira boneca de verdade, você olhou para ela como quem vê futuro, mas sua imaginação já era muito maior e com muito orgulho. Você, fazia saia de capa de sombrinha, fazia carrinho com rodinha de sandália, fazia curral de gravetos finos, fazia cola com o fruto de timborna e fazia mundo com o que a terra te dava.

Menina, como você era criativa. Como você inventava caminhos sem saber que estava atravessando caminhos. Te vejo ali, pequena, dizendo que um dia ia comprar retalho para sua mãe fazer roupa nova, dizendo que ia estudar longe, que ia trazer bonecas pretinhas para as crianças brincarem. E você trouxe, viu? No seu jeito, no seu caminho, na sua luta. Você olhava o futuro com olhos arregalados,

mesmo quando seu irmão dizia que você não ia ser cantora por causa da voz rouca. Seu destino nunca foi só o canto, seu destino era criar.

E criar você criou. Fez agulha com peça de sombrinha, fez crochê com linha emprestada, fez tapete com retalho, fez caminho com nada além da coragem e imaginação, e depois ensinou sua mãe e sua avó, virou a mulher que fortalece, que conduz, que inventa tradição com as próprias mãos.

Menina, sua infância inteira foi obra de arte, mesmo quando você não sabia que era artista. Sua travessia começou ali, entre coco colocado no sol, entre farinha peneirada com peneira feita por seu pai, entre cavalo de pau e boneca de pano, entre desejo e afeto, entre sonho e chão.

Eu escrevo essa carta para te agradecer.

Porque foi você, criança de pés rachados e imaginação imensa, como muitos falam sobre nós kalungueiros, que abriu o caminho para a mulher, a mãe, a artista, a professora que eu sou hoje.

Você me deu coragem antes mesmo de eu saber o que é coragem. Você me deu visão sobre o mundo antes mesmo de eu sair do nosso mundo.

Obrigada, minha menina. Você foi e é: travessia, raiz, começo e ainda vive em mim.

Com amor,

A Josivânia de hoje.

“De mim para mim: a menina de antes na travessia de hoje”

Goiânia, dezembro de 2025.

Querida Josivânia,

Escrevo agora não para a criança que eu era, mas para a mulher que sou, aquela que atravessou: estradas, terras, roças, morros, rios, grotas, cerrados, escolas, cidades e outras demais barreiras nesta minha jornada de vida até chegar às salas iluminadas da universidade.

Hoje, olhando para mim mesma neste momento da travessia, reconheço que a menina quilombola criativa do Território Kalunga do Vão de Almas permanece viva, mas transformada. Ela se reorganiza nos caminhos da arte, na pesquisa, no ensino e na maternidade. As mãos que antes criavam bonecas de barba de bode, carrinhos de buriti e outros meios de viver a sua infância agora produzem desenhos: pinturas, artesanatos, diagramas conceituais, projetos culturais e outras artes. Elas continuam sendo mãos artesanais, porém também se tornaram mãos acadêmicas.

Esta carta é para reconhecer que minha trajetória não foi simples. Viver a universidade para mim é um exercício de deslocamento contínuo: sair da roça para a cidade; sair do silêncio para a fala; sair da prática intuitiva para a prática reflexiva; "sair do aprender fazendo para o aprender pesquisando". A cada etapa, eu me reencontro com aquela menina que nunca deixou de ser artista, mesmo sem saber nomear seu fazer.

Hoje eu compreendo com mais clareza que minha formação no curso de Artes Visuais – Licenciatura é ao mesmo tempo um reencontro com minha ancestralidade e uma projeção para o futuro. Nos estudos, percebo como minha vivência quilombola, minhas práticas artesanais e minha história de criação relacionado à natureza são de fato metodologias próprias, modos de aprender e ensinar que vêm do corpo, da terra e da experiência coletiva.

Na travessia de hoje, eu, Josivânia, sou também mãe. E ser mãe dentro da universidade é reinventar o tempo todos os dias: é escrever TCC enquanto cuido de Heitor, é ir para as aula depois do trabalho fora e dentro de casa, é fazer trabalho

acadêmico de madrugada, é levar a cultura da minha comunidade para dentro da sala. É transformar a maternidade em força, não tem limite.

Ser universitária, artista, estudante e professora é compreender que minha história não é separada. Ela continua sendo tecida como um tapete: cada fio é uma memória, um aprendizado, uma luta, uma criação.

Escrevo para mim mesma para afirmar:

- você tem direito de estar aqui;
- sua voz e fala é ancestralidade;
- sua identidade quilombola é conhecimento;
- suas mãos artesanais são teoria e prática;
- seu caminho não é menor porque é diferente;
- sua trajetória é pesquisa viva, resistente e necessária.

E digo: a menina que você foi não imaginava, mas você se tornou uma mulher que pensa a arte, que ensina a arte e que transforma sua história em caminho para outras pessoas. Isso é grande, isso é digno, isso é seu.

Com respeito pela minha própria travessia,
Eu, Josivânia de hoje.

“Entre escolas e mundos; quer saber o que aprendi sendo você?”

Goiânia, dezembro de 2025.

Querida Josivânia,

Entre escolas, corredores, pátios, crianças, jovens e mundo que você atravessou... hoje eu te pergunto, com carinho: quer saber o que você aprendeu sendo você mesma?

Essa travessia não foi pequena. Foi chão, foi sol, foi passo, foi fé, foi coragem. Foi caminho de casa até a universidade, do ônibus atrasado até a caminhada longa a pé, do RU até o DEI, do DEI até o CEPAE, da UFG até o PIBID. Foi saber chegar cansada e ainda assim entregar luz. Foi entrar com humildade e sair com história.

No seu primeiro e segundo Estágio dentro do DEI, você descobriu primeiro o silêncio e o barulho das crianças, aquele som que ensina sem explicar. Aprendeu que educação é toque, é olhar, é chão. É mostrar para a criança o mundo não só com palavras, mas com terra, tinta, fruto, textura e outras invenções.

Ali você entendeu que a arte das crianças é o pensamento delas respirando no papel. E você ajudou esse pensamento a ganhar formas como: linhas, manchas de frutos do campo, tintas naturais e paredes preenchidas com afetos.

A Parede do Amor foi uma invenção sua, sua coragem de transformar o cotidiano em poesia. A colheita do jamelão virou uma aula viva: cor, cheiro, natureza e ancestralidade ensinando sem precisar de livro. E o seu percurso até o DEI virou obra de arte: trajeto virando, desenho, visualidade e cansaço virando criação. Ali você percebeu que ser artista-professora é transformar qualquer pedaço de vida em matéria de ensino.

Depois, você levou para as crianças algo maior ainda: sua cultura, sua pele, sua dança, seu quilombo. Na semana da Consciência Negra, você apresentou quem você é, mulher, negra, mãe e quilombola. Pintou, dançou, explicou, trouxe a Sussa, trouxe corpo e história. Mostrou para as crianças o que elas nunca tinham visto: a força de um povo vivo dentro de uma sala de aula.

No terceiro e quarto estágio dentro do CEPAE, a partir da proposta “ponto de fuga” e “parte da via” desenvolvida junto com professores e alunos, compreendi que

ensinar desenho vai além da técnica: trata-se de orientar o olhar para o mundo; o dos adolescentes, que carregam dores escondidas no silêncio.

E você os escutou.

Por isso criou a Parede da Vida, onde ninguém precisava mostrar o rosto para mostrar a alma. Ali você deu lugar para o desabafo, a cura, a expressão. Onde também se ampliou o grafismo como linguagem de expressão e pertencimento. Representando o grafismo como uma forma legítima de arte urbana, capaz de narrar vivências, sentimentos e identidades, especialmente no contexto das juventudes e da cultura negra. Como: Amor, dor, preconceito, depressão, identidade e outros. Toda essa forma é de pertencimento, e ganhou espaço seguro na parede que você ergueu com eles. E plantou tudo dentro da escola, para mostrar que educação é ouvir, acolher, construir e transformar memórias visual de gente com gente. levou o ponto de fuga, mas na verdade você ensinou sobre ponto de partida. Essa experiência reforçou para mim que a arte na escola pode ser espaço de escuta, expressão e reconhecimento, permitindo que os estudantes se vejam, se afirmem e ocupem visualmente o mundo que habitam.

Você também construiu e-books, sobre suas trajetórias, entrelaçou a sua família dentro dessa vivência, entre memórias e desenhos. Recolheu histórias como quem recolhe sementes.

Porque para aqueles alunos, você foi exemplo. Um começo novo, um olhar mais amplo, uma outra forma de ver e existir dentro da escola.

E quando o PIBID entrou na sua vida, você entendeu ainda mais: Que o meio ambiente não é só tema, é vida. Que se não cuidarmos hoje, no futuro vamos dar aula no deserto, sem sombra, sem água, só lembranças do que destruímos. Por isso seu desenho sobre o futuro triste veio como aviso, mas também como esperança: enquanto existir educador que ama, ainda existe chance de mudança.

Josivânia, olha para tudo isso.

Você não foi só estagiária:

Você foi sementinha, raiz, sombra, fruto, arte, cor e coragem dentro de cada escola que pisou.

Você aprendeu sendo você;

Ensinou sendo você;

E é por isso que sua trajetória é tão bonita: ela carrega verdade, corpo, ancestralidade e transformação.

Continue, porque em seu caminho tem o mundo e escolas com muitos alunos esperando para aprender com você.

Com amor,

Eu, que estou crescendo junto com você.

REFERÊNCIAS

BISPO, Antônio dos Santos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu editora/PISEAGRAMA, 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários a prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. 1

HERNANDEZ, Fernando; MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. Aprender história do ensino de arte através da realização de histórias de vida. **Revista da UFG: extensão, cultura, ensino, pesquisa**, Goiânia, v. 8, n. 2, p. 110-118, 2006. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/revistaufg/article/view/48113/23472>

hooks, bell. **Erguer a voz**: pensar como feminista, pensar como negra. Tradução de Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.

PAULINO, Rosana. **Imagens de sombras**. 98p. (Tese de Doutorado) – Escola de Comunicações e Artes da USP, 2011.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?**. Belo Horizonte(MG): Letramento: Justificando, 2017.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Editora SCHWARCZ S.A., 2019.

SANTOS, Renata Aparecida Felinto dos. **A construção da identidade afrodescendente por meio das artes visuais contemporâneas**: estudos de produções e de poéticas. 331f. Tese (Doutorado em Artes) – Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, Instituto de Artes.